

## A EMERGÊNCIA DO CAPITALISMO E AS MULHERES – UMA CRÍTICA FEMINISTA MARXISTA

*Priscila Von Dietrich<sup>1</sup>*  
*Cecília Severo<sup>2</sup>*

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017, 464 p.

“Fortuna, Imperatriz do Mundo  
Ó Fortuna / és como a Lua / mutável, / sempre  
aumentas e diminuis; / a detestável vida / ore escurece  
/ e ora clareia / por brincadeira a mente; / miséria, /  
poder, / ela os funde como gelo.” (Carmina Burana)<sup>3</sup>

No século XIV, pelas paredes de tavernas e oficinas, encontrava-se grafado o símbolo da Roda da Fortuna, um anúncio sobre a mudança dos ventos (FEDERICI, 2017, p. 98). Era uma época de revoltas: Inglaterra, França, Itália, emergiam revoluções camponesas por todos os cantos do continente europeu. Costuma-se, na historiografia corrente, aquela dos

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Econômicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: priscila.dietrich@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Sociologia e Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: severo.cecilia@gmail.com

<sup>3</sup> “O manuscrito de os Carmina Burana, datado de 1230 e publicado pela primeira vez em 1847, contém canções, na sua maioria profanas” (p. 4), seus escritos são atribuídos a ordem dos goliardos, grupos desertantes de mosteiros, que vagavam na cidade cultuando uma vida boêmia, de valorização do momento presente. Para mais informações ver Guimarães, (2013).

livros escolares, desdenhar-se a Idade Média como Idade das Trevas, aquilo que aconteceu entre a glamourosa Antiguidade Grego-Romana e a fantástica Modernidade. Esse período que seria dominado pela Igreja Católica, por crenças pueris, sem grandes acontecimentos, fechados em feudos e mosteiros. Porém, o que nos mostra Silvia Federici é exatamente o oposto: longe de um marasmo completo, a Idade Média consistiu em um transcurso de conflitos, de efervescência política e cultural, e antes de resistência do que de passiva servidão. No livro “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, a autora retoma o período de ascensão e consolidação do capitalismo e, assumindo uma postura crítica às teses de Karl Marx e Michel Foucault, busca responder à pergunta: onde estavam as mulheres e qual a participação e o papel que tiveram nesse processo?

Publicado originalmente em inglês, em 2004, lançado no Brasil em 2017 pela editora Elefante, com tradução pelo Coletivo Syncorax, em 2016, o livro é resultado de três décadas de pesquisa e vida da autora. Em 1984, publicou com Leopoldina Fortunati<sup>4</sup> o livro “*Il Grande Calibano. Storia del corpo social ribelle nella prima fase del capitale*” [O grande Calibã: história do corpo social rebelde na primeira fase do capital] (Franco Agnelli, 1984), onde já aponta as continuidades e rupturas tanto com Marx e quanto com Foucault (FEDERICI; FORTUNATI, 1984, p. 19) no que diz respeito à domesticação do corpo para o trabalho através do uso paulatino da violência, definido pelos dois autores como restritos a um espaço-tempo. No livro escrito com Fortunati, as autoras apontam que a cada crise do capitalismo, que culminou na elevação do potencial de exploração e acumulação do sistema, um mesmo processo se repetia: o cercamento de um comum (FREDERICI; FORNUTATI, 1984). Entre esse trabalho e o Calibã e a Bruxa, cabe destacar a passagem de Federici pela Nigéria e sua participação no *Committee for Academic Freedom in Africa*

---

<sup>4</sup> Atualmente professora e pesquisadora na Universidade de Udine (Itália), é socióloga e teórica feminista. Possui vasta produção científica na área, porém sem tradução para o português - o que inclui a obra escrita conjuntamente com Federici. Foi parte da autonomia operária italiana, movimento pós-operaísta, através dos grupos Potere Operaio e Lotta Feminista.

(CAFA)<sup>5</sup>. No prefácio à edição estadunidense, a autora descreve como os anos de experiência na Nigéria, tendo testemunhado a ação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial naquele país, foram essenciais para consolidar seu posicionamento crítico.

No *Calibã e a Bruxa*, contudo, Federici se debruça em como as mulheres foram tomadas como comum e como esse movimento, deixado de lado em outras análises do mesmo processo, tem uma importância radical para tornar possível a instauração do capitalismo. Cabe salientar a maestria da autora ao nos conduzir nas intempéries de histórias outras que não nos foram contadas. Apesar de ser uma leitura densa, é ao mesmo tempo prazerosa e cujo esmero na sua produção transborda as palavras escritas. Exatamente por tratar-se de um tema cuja dificuldade de pesquisa é grande, pela falta de fontes e pelo comprometimento ideológico dos registros, é admirável o esforço feito na coleta de dados, percebido pela extensão das referências contidas na obra, bem como o cuidado com próximos estudos, exatamente por se esforçar em apontar caminhos por onde se pode encontrar dados a respeito.

A organização do livro é tal que cada um dos cinco capítulos tem um fechamento em si mesmo. No primeiro, a autora expõe a base argumentativa sobre a qual o livro irá se erguer. Destaca-se a perseguição aos hereges que antecedeu o período de caça às bruxas propriamente dito, como esses mesmos movimentos tiveram influência na articulação das revoltas camponesas, bem como sobre a perseguição dos revoltosos e especialmente das bruxas. O segundo capítulo entra na questão da acumulação primitiva e a relação com o trabalho e a degradação das mulheres. A mulher como ser social e político, que tinha seus próprios círculos (como quando as mulheres se reuniam para lavar as roupas), e que depois foi restringida ao ambiente privado, doméstico, deixa de ser sujeito para se tornar reprodução da mercadoria mais preciosa, pois é a

---

<sup>5</sup> Publicação entre 1991 e 2003 de pesquisadoras e pesquisadores que atuavam nos Estados Unidos e na África. Eles buscavam chamar atenção ao comprometimento da liberdade de saber na África e divulgar e dialogar com a produção científica africana. Edições disponíveis em: <<http://ns210054.ovh.net/library/newsletters-committee-academic-freedom-africa-1991-2003>> Acesso em: 20/05/2018.

única capaz de gerar mais-valor: a força de trabalho. No terceiro capítulo, com apenas uma sessão, a autora retoma a questão da domesticação do corpo rebelde, discutida no livro com Fortunati, acima citado. Aqui o mais importante é pontuar como o controle da sexualidade e disciplinamento dos corpos não é um processo que se forja no século XVIII, mas sim é o resultado de processos que tiveram início nos séculos XIII e XIV, com a perseguição dos hereges, colonização, escravidão e caça às bruxas. No quarto capítulo, o objetivo é explicitar as relações entre a caça às bruxas na Europa e a consolidação do capitalismo. Por fim, no quinto e último capítulo, a autora demonstra como a colonização também está integrada nessa rede de relações e são mecanismos que se reinventam a cada crise e expansão do capital.

Na versão hegemônica da história, a caça às bruxas é usualmente colocada como se fosse uma prática medieval, resquício de uma mentalidade atrelada aos dogmas católicos, característica dessa época. Porém, o que Federici nos mostra é que a caça às bruxas é um fenômeno que marca a passagem para a modernidade, e que está intimamente atrelada ao Iluminismo e Humanismo, inclusive na figura de seus principais teóricos:

Neste ‘século de gênios’ — Bacon, Kepler, Galileu, Shakespeare, Pascal, Descartes — que foi testemunho do triunfo da revolução copernicana, do nascimento da ciência moderna e do desenvolvimento do racionalismo científico, a bruxaria tornou-se um dos temas de debate favoritos das elites intelectuais europeias. (FEDERICI, 2017, p. 301).

Mas, afinal, por que a magia seria tão incongruente com o capitalismo? Pois o pensamento mágico, bem como os saberes femininos, ligados à observação empírica da terra e de seus ciclos, assim como os ciclos do próprio corpo da mulher, têm em si uma lógica própria de causa e efeito que vai de encontro ao pensamento racionalista característico do espírito capitalista. A imprevisibilidade dos acontecimentos, interpretada como “expressão de um poder oculto” (FREDERICI, 2017, p. 312), era subversiva ao princípio da responsabilidade individual imposta pela nova lógica.

O privilégio do domínio de determinadas pessoas, em sua maioria mulheres, sobre os elementos da natureza, permitindo seu controle sobre a reprodução, a cura, a abundância, etc. era interpretado como rejeição ao trabalho e insubordinação, caracterizando a resistência às novas formas de poder. Desencantar esse conjunto de crenças e simpatias era necessário para permitir a acumulação através da exploração do trabalho. A magia explica fartura e escassez a partir de ciclos ou sorte, enquanto no espírito capitalista, a fartura vem do trabalho árduo dentro de uma lógica racionalista.

Da mesma forma, a escravidão é colocada como se fosse residual de um passado tenebroso e que teria sido preciso terminar com ela para que trabalhadores livres vendessem sua força de trabalho e pagassem pelos meios de vida. Entretanto, esse processo de liberação dos trabalhadores só foi possível na Europa ocidental através da escravização e colonização que estavam em curso na Ásia, África e nas Américas. Em *Calibã e a Bruxa*, a autora reflete sobre o fato de que essas práticas não se restringem aos séculos XVIII ou XIX, mas são observados ainda nos dias atuais. Para a expansão do sistema capitalista, é preciso que se anteceda a destituição do poder das mulheres, de forma a anular o vínculo com a terra e submetê-las à esfera privada e doméstica. Somente assim seria possível que as estruturas estatal e patriarcal tomassem forma através da negociação direta com o homem assalariado, o trabalhador livre. Não seria, portanto, por acaso que ainda na década de 1990 haja registros de caça às bruxas em regiões da África e América Latina.

Para a autora, Marx faz sua pesquisa focando no homem proletário e assim vê que o desenvolvimento capitalista ampliaria a produção a ponto de tornar possível “liberar a humanidade da escassez e da necessidade” (MARX, [1867] 1909, apud FEDERICI, 2017, p. 27) e a violência restrita ao período da acumulação primitiva, que, em sua ideia, foi uma fase de transição necessária, na qual se consolidou a classe de trabalhadores livres. A evolução do capitalismo se daria, porém, “por meio do funcionamento das leis econômicas” (FEDERICI, 2017, p. 27). Todavia, segundo a autora, “Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto

de vista das mulheres.” (FREDERICI, 2017, p. 27) Ela sustenta ainda que “a perseguição às bruxas [...] foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras” (FREDERICI, 2017, p. 26). A acumulação primitiva, responsável pela formação de um proletariado mundial, não foi somente “a expropriação dos meios de subsistência dos trabalhadores europeus”, mas também “a escravização dos povos originários da América e da África” (FREDERICI, 2017, p. 119). A constituição de hierarquias sobre gênero, raça e idade culminaram na formação do proletariado moderno. Através destas fragmentações e, especialmente, daquela entre homens e mulheres, foi que o capitalismo permitiu a criação de “novas formas de escravidão mais brutais e traiçoeiras” (FREDERICI, 2017, p. 119) capazes de intensificar e ocultar a exploração.

Segundo Federici, Marx entenderia a acumulação primitiva, a consolidação das classes e o desenvolvimento capitalista como etapa necessária para que um dia a humanidade chegasse a um futuro igualitário, e é precisamente aí que repousaria certa ruptura da autora com a teoria marxiana. Federici não enxerga “a acumulação capitalista como libertação do trabalhador, mulher ou homem” ou “a chegada do capitalismo como um momento de progresso histórico” (FREDERICI, 2017, p. 119). Analisando a partir da perspectiva das mulheres como sujeitos de luta, e valendo-se da hipótese operaísta<sup>6</sup> – para a qual a luta antecede o capital e não o contrário –, o capitalismo se constitui a partir de uma forte investida por parte de articulação das classes dominantes, Igreja e Estado, de repressão aos movimentos campesinos críticos ao sistema feudal.

Gilles Dauvé<sup>7</sup>, em uma resenha do *Calibã e a Bruxa*<sup>8</sup>, coloca Federici contra Marx. O filósofo critica Federici pela exacerbada feminização do marxismo (DAUVÉ, 2015, p. 4). Segundo ele, ao revisar a teoria de

---

<sup>6</sup> Para uma breve introdução ao Operaísmo, ver Cocco (2013, p. 39-46).

<sup>7</sup> Filósofo e teórico político francês, que também escreve sob o pseudônimo de Jean Barrot.

<sup>8</sup> O texto foi publicado originalmente em francês em 2015. Disponível em: <<https://dtd21.noblogs.org/files/2015/10/Federici-contre-Marx.-GD.-octobre-2015.pdf>> Acesso em: 27/8/2018. Tradução para o inglês em 2016, disponível em: <<http://ns210054.ovh.net/library/federici-versus-marx-gilles-dauv%C3%A9>> Acesso em: 27/08/2018.

acumulação primitiva, o que a autora acaba por fazer é propor uma outra teoria de capitalismo, que seria totalmente diferente da proposta por Marx. Ele entende que ao colocar o trabalho feminino, a escravidão e o colonialismo como também condições *sine qua non* para a acumulação de capital, tirando o protagonismo do proletariado, a autora estaria em desacordo sobre a luta de classes como motor da história. Porém, para Federici, não se trata de retaliar a teoria de classes, mas de somar a noção de mulher como sujeito de luta, como classe em disputa.

Os processos de disciplinamento da classe trabalhadora através da transformação do corpo em máquina de trabalho e, no caso das mulheres, sua sujeição para o trabalho reprodutivo, foram essenciais no processo de consolidação das relações capitalistas e, principalmente, na acumulação de trabalho não pago. Dessa forma, a autora critica Foucault por considerar biopoder como algo “novo” no capitalismo:

A análise de Foucault sobre as técnicas de poder e as disciplinas a que o corpo se sujeitou ignora o processo de reprodução, funde as histórias feminina e masculina num todo indiferenciado e se desinteressa pelo “disciplinamento” das mulheres, a tal ponto que nunca menciona um dos ataques mais monstruosos perpetrados na Era Moderna contra o corpo: a caça às bruxas. (FREDERICI, 2017, p. 19).

O extermínio das bruxas se insere neste contexto como meio utilizado para que se destruísse o poder das mulheres. Ainda sobre a questão do domínio sobre o corpo, Federici coloca como objetivo do livro denunciar o apagamento da teoria feminista em curso ao referenciar apenas a teoria foucaultiana como descoberta do corpo como *locus* do poder (FREDERICI, 2017, p. 32). Foucault e demais teóricos pós-estruturalistas ao criticar as feministas que reivindicavam o corpo como “essencialismo”, pois os mesmos “rejeitam como ilusório qualquer chamamento à liberação dos instintos” (FREDERICI, 2017, p. 33), não levam em consideração a produtividade material do trabalho reprodutivo, que está materialmente,

intrinsecamente atrelada ao corpo da mulher. Não se trata de reivindicar uma essência instintiva, mas literalmente os corpos femininos, a autonomia sobre nossos corpos. Por fim, Federici critica ainda a teoria da sexualidade proposta por Foucault.

Em nenhum outro lugar a ‘explosão discursiva’ sobre o sexo, que Foucault detectou nessa época, foi exibida com maior contundência do que nas câmaras de tortura da caça às bruxas. Mas isso não teve nada a ver com a excitação mútua que Foucault imaginava fluindo entre a mulher e seu confessor. (FREDERICI, 2017, p. 344).

A tese de Foucault, de que a falação sobre sexo era como uma válvula de escape à repressão sexual, não confere se pensamos em corpos femininos: nesse caso, a discursividade sobre sexualidade estava a serviço da repressão.

Em outro momento, a discussão sobre o cercamento das terras comunais foi colocada como ponto de virada no processo de consolidação do capitalismo para Marx. Com o cercamento dos comuns<sup>9</sup>, as mulheres foram mais afetadas, uma vez que perderam o acesso aos seus meios de subsistência, obrigando-as a depender de homens para intermediar sua existência social. Expulsas do campo, num primeiro momento tiveram maior autonomia na cidade, trabalhando em ofícios urbanos e morando em casas coletivas, porém, com a Peste Negra e a baixa populacional, por um lado, houve uma valorização grande da força de trabalho, e a classe trabalhadora gozou de grande poder de negociação. No livro, a autora traz uma análise econômica visando demonstrar, a partir desses dados, a

---

<sup>9</sup> Tema que atravessa todo o livro, se não toda a obra de Federici, é a questão do Comum. Por escolha da tradução, comum foi ora traduzido como terras comunais, ora traduzido como comum, comuns, bens comuns, etc. (FREDERICI, 2017, p. 50). A escolha pela fluidez da escrita é justificada, porém trata-se de um conceito específico e central na produção da autora. Para uma síntese do posicionamento da autora em relação ao tema, ver o artigo “O feminismo e as políticas do comum” (2014), onde realiza um apanhado geral da discussão até o momento, passando pelos comuns globais do Banco Mundial até o tensionamento sobre os comuns ou o comum (*commons* ou *common*), situando o debate no norte e sul global.

qualidade de vida possível naquele momento. Por outro, contudo, acentua-se o processo de perseguição de práticas abortivas e de infanticídio e de saberes contraceptivos.

O Estado, que vinha se constituindo nesse processo, via alianças entre baixa nobreza e alta burguesia, promove então bordéis municipais, as vistas grossas para casos de violência contra mulher, estupro coletivo. Assim, um abismo no meio da classe trabalhadora se abre, e aquele que outrora fora nosso companheiro, era agora nosso algoz. Trazer o inimigo para dentro de casa (como ter certeza que a mulher que te deitas não é uma bruxa? como confiar que o homem que dorme ao lado não irá te expor caso use uma erva diferente na comida?) foi a estratégia de desarticulação de consciência de classe que desestabiliza a luta em curso contra o capitalismo, e que ainda nos dias de hoje ao não dar conta dessas questões se coloca como um obstáculo para tal.

Apesar de se tratar de um livro histórico, essa é uma história do presente. Federici se define como feminista marxista autonomista e se dedicou a pesquisar movimentos autonomistas mundo afora pela última década. Seja na agricultura de subsistência de hoje na África, seja nas ilhas do Caribe lutando contra a escravidão séculos atrás, seja nos movimentos pela reforma agrária e demarcação de terras no Brasil, temos mulheres trabalhando arduamente, direto com a Terra, e contra o Império. Citando o estudo de Ruth Behar (1987) sobre comunidades no México no século XVIII, a autora descreve as trocas entre mulheres indígenas, negras, espanholas, *metizas*, *coyotas*, *mulattas* na composição de um “universo feminino multicolorido” (BEHAR, 1987, apud, FEDERICI, 2017, p. 219) de saberes populares possível a partir de sua experiência comum, para além de diferenças de língua, fronteiras coloniais ou cores. Existe algo radicalmente potente e anticapitalista na luta das mulheres. Nesse sentido, Calibã e a Bruxa não é um livro pessimista, pelo contrário, é um livro que evoca força e firmeza na luta. Trata-se de uma leitura imprescindível e urgente para repensarmos os processos de consolidação do capitalismo, mas mais importante, de resistência e alternativa a esse sistema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEHAR, Ruth. Sex and Sin: Witchcraft and Devil in Late-Colonial Mexico. In: *American Ethnologist*, vol. 14, n.º 1, p. 34-54, 1987.
- COCCO, Giuseppe. 'Introdução'. In: LAZZARATO, M.; NEGRI, A. *Trabalho imaterial: Formas de vida e produção de subjetividade*. Tradução de Monica de Jesus Cesar. 2ª ed., Rio de Janeiro: Lamparina, p. 32-46, 2013.
- DAUVÉ, Gilles. 'Federici versus Marx'. Disponível em: <<https://ddt21.noblogs.org/files/2015/10/Federici-contre-Marx.-GD.-octobre-2015.pdf>>. Acesso em 27/08/2018.
- FEDERICI, Silvia; FORTUNATI, Leopoldina. *Il Grande Calibano*. Storia del corpa sociale ribelle nella prima fase del capitale. Milão: Franco Angeli Editore, 1984.
- FEDERICI, Silvia. *Caliban and the witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*. Nova Iorque: Autonomedia, 2004. Disponível em: <<https://libcom.org/files/Caliban%20and%20the%20Witch.pdf>>. Acesso em 28/04/2018.
- \_\_\_\_\_. *Calibán y la bruja: Mujeres, Cuerpo y Acumulación originaria*. Madri: Traficante de Sueños. 2010. Disponível em: <<https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Caliban%20y%20la%20bruja-TdS.pdf>>. Acesso em 20/05/2018.
- \_\_\_\_\_. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- \_\_\_\_\_. 'O feminismo e as políticas do comum em uma era de acumulação primitiva'. In: FEDERICI, Silvia. *Revolución en punto cero: trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas*. Tradução: Luiza Mançano. Madri: Traficantes de Sueños, 2013.

- GUIMARÃES, Maria da Conceição Oliveira. Os Carmina Burana: entre o cântico dos cânticos de Salomão e a cantata de Carl Orff. *Revista Graphos Estudos Medievais*. v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/16317/9346>>. Acesso em 16/05/2018.
- MARX, Karl. *Capital*. A Critique of Political Economy (vols. 1 e 3). Chicago: Charles H. Kerr & Company, [1867] 1909. [ed. bras.: O capital. Bauru: EDIPRO, 2008].

Submetido em 25 de maio de 2018.

Aprovado em 08 de agosto de 2018.

